

POURQUOI BAKHTINE N'EST PAS PÊCHEUX: UN GRAND MALENTENDU SUR L'ANALYSE DE DISCOURS

POR QUE BAKHTIN NÃO É PÊCHEUX: UM GRANDE MAL-ENTENDIDO SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO¹

PATRICK SERIOT²

Université de Lausanne

Patrick.Seriot@unil.ch

Resumo. *Baseados em uma leitura aprofundada de textos originais de Bakhtin, Voloshinov e Medvedev, propomos a tese segundo a qual não há nenhuma relação – nem de perto, nem longe – entre as teses de Pêcheux e as de Bakhtin, e que as semelhanças e aparências não são mais que produtos de um gigantesco mal-entendido, o qual repousa sobre leituras apressadas e efeitos de reconhecimento suspeitos, bem como sobre traduções amplamente errôneas, engendrando, assim, uma comunidade imaginária e fantasmática entre Bakhtin e Pêcheux.*

Palavras-chave: *Bakhtin; Pêcheux; leitura; tradução; mal-entendido.*

Abstract. *Cette réflexion est basée sur la lecture approfondie des textes originaux de Bakhtine, Voloshinov et Medvedev, et propose une thèse plus radicale, à savoir qu'il n'y a aucun rapport, de près ou de loin, entre les thèses de Pêcheux et celles de Bakhtine, et que les similitudes et apparentements apparents ne sont que le produit d'un gigantesque malentendu, reposant lui-même sur des lectures hâtives et des effets de reconnaissance suspects, s'appuyant sur des traductions largement erronées, engendrant une communauté imaginaire et fantasmée entre Bakhtine et Pêcheux.*

Keywords: *Bakhtin; Pêcheux; lecture; traductions; malentendu.*

Deux Michel apparemment liés par un sort commun, telle est l'image qui se dessine avec des contours plus ou moins flous, plus ou moins implicites, dans le domaine de l'analyse de discours dans

Dois Michéis aparentemente ligados por uma sorte em comum; eis a imagem que se desenha, com contornos mais ou menos borrados, mais ou menos implícitos, em duas comunidades

¹ Traduzido para o português pelo Prof. Dr. Gabriel Leopoldino dos Santos (IFSP).

² Doutor pela Université de Grenoble-III; professor honorário da Université de Lausanne, onde fundou e dirige o Centre de recherche en histoire et épistémologie comparée de la linguistique d'Europe centrale et orientale – CRECLECO.

deux communautés intellectuelles séparées par un océan mais réunies par un même objectif, en France et au Brésil. Cet objectif consiste à faire tenir ensemble et à appuyer l'un sur l'autre un engagement politique et une méthodologie de lecture critique de textes, précisément appelée «analyse de discours».

C'est cette idée d'une communauté de destin, d'approche, de méthode, d'objectifs et d'enjeux entre Bakhtine et Pêcheux que je voudrais interroger ici. Cette tâche est facilitée par le fait que, depuis quelques années, plusieurs collègues brésiliens commencent à s'interroger sur la légitimité de semblable association dans le même cadre conceptuel de l'analyse de discours³. Ainsi Eni Orlandi note avec juste raison que Bakhtine, à la différence de Pêcheux, «ne voit pas dans la langue son autonomie relative, ni ne lui reconnaît son ordre propre» (2005, p. 44). Elle décèle, à la suite de la critique de Pêcheux lui-même, que le «sujet» chez Bakhtine est d'ordre socio-psychologique (non affecté par l'inconscient), intentionnel, et que l'interaction est un fait psycho-social (ib., p. 45), et que, finalement, c'est le statut de la notion de langue dans son rapport au discours qui fait la différence entre l'analyse de discours de M. Pêcheux et la position bakhtinienne.

En plein accord avec l'analyse d'Eni Orlandi, ainsi qu'avec l'appel d'Anna Zandwais (2009, p. 1) à travailler le «contexte historique spécifique» des conditions de production des textes du groupe de Bakhtine, je voudrais suivre cette piste de réflexion en produisant quelques éléments puisés dans une lecture approfondie des textes originaux de

intelectuais do domínio da Análise de Discurso – a da França e a do Brasil –, separadas por um oceano, porém, reunidas por um mesmo objetivo. Tal objetivo consiste em manter e apoiar mutuamente um engajamento político e uma metodologia de leitura crítica de textos chamada, precisamente, de “Análise de Discurso”.

É esta ideia de comunidade de destino, de abordagem, de método, de objetivos e de apostas entre Bakhtin e Pêcheux que eu gostaria de interrogar aqui. Esta tarefa está facilitada pelo fato de que, há alguns anos, vários colegas brasileiros começaram a interrogar-se sobre a legitimidade de tal associação no mesmo quadro conceitual da Análise de Discurso⁸. Assim, observa Eni Orlandi, com justa razão, que Bakhtin, diferentemente de Pêcheux, “não vê na língua sua autonomia relativa, nem lhe reconhece sua ordem própria” (2005, p. 44). Ela mostra, após uma crítica do próprio Pêcheux, que o “sujeito” em Bakhtin é de ordem sócio-psicológica (não afetado pelo inconsciente), intencional, e que a interação é um fato psicossocial (*ibidem*, p. 45). Mostra, por fim, que é o estatuto da noção de língua, em sua relação com o discurso, que faz a diferença entre a Análise de Discurso de M. Pêcheux e a posição bakhtiniana.

De pleno acordo com a análise de Eni Orlandi, bem como com o apelo de Anna Zandwais (2009, p. 1) para trabalhar o “contexto histórico específico” das condições de produção dos textos do grupo de Bakhtin, gostaria de seguir esse tema de reflexão, produzindo alguns encaminhamentos baseados em uma leitura aprofundada dos

³ Mais dans bien des cas, pour des chercheurs au Brésil comme en France, «Bakhtin a influencé et anticipé les principales orientations théoriques sur le texte et le discours développées surtout dans les dernières trente années» (BARROS, 2005, p. 25).

⁸ Em muitos casos, para pesquisadores tanto do Brasil quanto da França, “Bakhtin influenciou e antecipou as principais orientações teóricas sobre o texto e o discurso, desenvolvidas, sobretudo, nos últimos trinta anos” (BARROS, 2005, p. 25).

Bakhtine, Voloshinov et Medvedev, pour proposer une thèse plus radicale, à savoir qu'il n'y a *aucun rapport*, de près ou de loin, entre les thèses de Pêcheux et celles de Bakhtine, et que les similitudes et apparentements apparents ne sont que le produit d'un gigantesque malentendu, reposant lui-même sur des lectures hâtives et des effets de reconnaissance suspects, s'appuyant sur des traductions largement erronées, engendrant une communauté imaginaire et fantasmée entre Bakhtine et Pêcheux.⁴

LE DISCOURS, UNE NOTION PLUS SOUVENT UTILISÉE QU'INTERROGÉE

Les mots sont d'autant plus traitres qu'ils sont plus familiers, plus «innocents», cherchant à se faire oublier, faisant croire à un consensus sur leur sens. C'est bien là un des mérites de l'analyse de discours de nous avoir rendus attentifs à la nécessité d'une lecture non naïve des textes, des termes et des mots. C'est pourquoi il convient de s'interroger sur le statut bien souvent instable, immaîtrisé, de la notion même de *discours* qui, loin d'être une notion, encore moins un concept, fonctionne parfois comme un signal de reconnaissance balisant une pratique incantatoire.

L'article de Taís da Silva Martins (2009) présente un tableau fort intéressant d'une configuration

textos originais de Bakhtin, Voloshinov e Medvedev, de modo a propor uma tese mais radical, qual seja a de que não há *nenhuma relação* – nem de perto, nem longe – entre as teses de Pêcheux e as de Bakhtin, e que as semelhanças e aparências não são mais que produtos de um gigantesco mal-entendido, o qual repousa sobre leituras apressadas e efeitos de reconhecimento suspeitos, bem como sobre traduções amplamente errôneas, engendrando, assim, uma comunidade imaginária e fantasmática entre Bakhtin e Pêcheux.^{4'}

O DISCURSO: UMA NOÇÃO MUITO MAIS UTILIZADA QUE INTERROGADA

As palavras são tão mais traidoras quanto mais elas são familiares, mais “inocentes”, procurando fazer-se esquecer, fazendo crer em um consenso sobre seu sentido. Está aí um dos méritos da Análise de Discurso: tornar-nos atentos a respeito da necessidade de uma leitura não ingênua dos textos, dos termos e das palavras. É por isto que convém interrogar-se sobre o estatuto frequentemente instável, não controlado, da própria noção de *discurso*, a qual, longe de ser uma noção, muito menos um conceito, funciona às vezes como um sinal de reconhecimento balizador de uma prática encantadora.

O artigo de Taís da Silva Martins (2009) aparenta um quadro muito interessante de uma configuração

⁴ Pêcheux connaissait-il Bakhtine ? Il est d'usage de citer *la langue introuvable* (GADET-PÊCHEUX, 1981) pour preuve de son intérêt envers Bakhtine. Mais ce livre ne le cite pratiquement pas (et encore, ignorant le nom de Voloshinov). Il idéalise une situation de bouleversement linguistique au moment de la Révolution de 1917, sans faire aucun lien avec la pratique théorique de Bakhtine, lequel n'est mentionné qu'en passant, pour son intérêt envers l'humour satirique. C'est peu pour faire de Bakhtine un «inspirateur» de l'analyse de discours.

^{4'} Pêcheux conhecia Bakhtin? É comum citar *La langue introuvable* [A língua inatingível] (GADET; PÊCHEUX, 1981) para provar seu interesse em Bakhtin. No entanto, o livro não o cita praticamente (e ainda ignora o nome de Voloshinov). Pêcheux idealiza uma situação de transformação linguística no período da Revolução de 1917, sem estabelecer nenhum laço com a prática teórica de Bakhtin, que é mencionado *en passant*, dado seu interesse em relação ao humor satírico. Isto é pouco para fazer de Bakhtin um “inspirador” da Análise de Discurso.

institutionnelle dans l'Etat du Rio Grande do Sul, mais qui me semble pouvoir être étendu à l'ensemble du Brésil et même à l'Argentine : la discipline universitaire «Análise do Discurso» accorde autant de place dans la bibliographie des programmes de cours à Bakhtine et à Pêcheux. Dès 1987, par exemple, le «Curso de pos-graduação em linguística e letras» de l'Instituto de letras e artes de la Pontificia Universidade catolica do Rio Grande do sul, une institution qui semble n'avoir rien de bien politiquement contestataire, propose dans la liste de lecture du programme d'analyse de discours deux livres de M. Pêcheux, trois de M. Bakhtin et cinq d'E. Orlandi. L'amalgame semble parfait, le consensus est créé, mais l'ambiguïté règne en maître : aucun programme consulté ne justifie son choix de réunir cet ensemble de sources sous une même rubrique d'analyse de discours ni ne met en garde contre les risques d'hypostasier différentes acceptions d'un même terme sous une même acception pseudo-conceptuelle. Quant à la revue électronique *Bakhtiniana*, où est paru l'article de da Silva, elle a pour sous-titre «Revista de estudos do Discurso».

Si l'on examine plus en détails la liste bibliographique mentionnée (SILVA, 2009, p. 213), on voit que tous les ouvrages cités sont soit brésiliens soit français, et que les titres de Bakhtin sont des traductions en portugais ou en espagnol (Mexique). Aucun texte original russe ne figure sur la liste, aucun commentaire en provenance de Russie n'est mentionné. Certes, la langue russe est moins répandue que le français dans les milieux universitaires brésiliens, mais il y a peut être à chercher plus loin que la carence de spécialistes russistes les raisons de cette absence.

Fréquenter régulièrement deux milieux intellectuels qui s'ignorent, à savoir le Brésil et la Russie, permet de mettre le doigt sur des phénomènes

institucional no Estado do Rio Grande do Sul, que me parece poder ser estendida ao restante do Brasil e também da Argentina: a disciplina universitária “Análise do Discurso” concede um lugar tanto a Bakhtin quanto a Pêcheux na bibliografia dos programas de curso. Desde 1987, por exemplo, o “Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras” do Instituto de Letras e Artes da Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, uma instituição que parece não possuir nada de muito politicamente contestatária, propõe, na lista de leitura do programa de Análise do Discurso, dois livros de M. Pêcheux, três de M. Bakhtin e cinco de Eni Orlandi. O amálgama parece perfeito. O consenso é criado. Todavia, a ambiguidade reina soberana: nenhum programa consultado justifica sua escolha em reunir este conjunto de fontes sob uma mesma rubrica de “Análise do Discurso” nem adverte contra os riscos de hipostasiar diferentes acepções de um mesmo termo sob uma mesma acepção pseudo-conceitual. Quanto à revista eletrônica *Bakhtiniana*, na qual aparece o artigo de Silva (2009), tem por subtítulo “Revista de Estudos do Discurso”.

Se examinarmos com mais detalhe a lista bibliográfica mencionada (SILVA, 2009, p. 213), veremos que todas as obras citadas são ou brasileiras, ou francesas, e que os títulos de Bakhtin são traduções em português ou espanhol (México). Nenhum texto original russo figura na lista; nenhum comentário proveniente da Rússia é mencionado. Certamente, a língua russa é menos difundida que o francês nos meios universitários brasileiros, mas talvez seja preciso buscar as razões para esta ausência para além da carência de especialistas em russo.

Frequentar regularmente dois meios intelectuais que se ignoram, quais sejam Brasil e Rússia, permite tocar em fenômenos fascinantes, os quais são

fascinants, qui éclatent au grand jour dès qu'on les met en contact. Ainsi en va-t-il de ma première constatation : le terme, la notion, le concept, l'idée même de *discours n'a aucune existence en Russie*. On serait bien en peine de trouver ce mot dans l'immense exégèse bakhtinienne qui se déploie en Russie depuis le début des années 1960, date de la «redécouverte» de Bakhtine par un groupe de jeunes analystes littéraires de Moscou.

Voilà bien l'inconvénient de trop faire confiance aux traductions. Alors que je développais un jour la thèse que la notion de discours n'existe pas en Russie en général et chez Bakhtine en particulier, un collègue français m'objecta que ma thèse ne tenait pas debout, et qu'il suffisait de lire la liste des titres des ouvrages bakhtiniens pour s'en persuader : Bakhtine, disait-il, n'avait-t-il pas parlé à maintes reprises des «genres du discours»? Quand je lui fis remarquer que Bakhtine n'écrivait pas en français mais en russe, qu'il n'avait donc pas parlé des «genres du discours» mais des «*rechevye zhanry*», et que rien ne nous garantissait que le premier soit la juste traduction du second, le collègue me répondit qu'effectivement, il n'y avait jamais pensé...

Le mot russe *diskurs* se rencontre sur l'internet russe, mais c'est toujours une traduction du français ou de l'anglais. Son utilisation autochtone est des plus étranges. Ainsi on peut trouver le syntagme «*russkij diskurs*» (le «discours russe») au sens de manifestation d'une «mentalité russe» ou d'un «caractère national russe», terminologie dénotant une vision unanimiste d'une masse parlante homogène qui me semble parfaitement incompatible avec la problématique discursive de l'école de Pêcheux.

De même une stagiaire ukrainienne qui avait passé un an dans notre équipe de

trazidos à tona à medida que os colocamos em contato. Desta maneira, minha primeira constatação é a seguinte: o termo, a noção, o conceito, a ideia mesma de *discurso não tem nenhuma existência na Rússia*. Será bem difícil encontrar esta palavra na imensa exegese bakhtiniana levada a cabo na Rússia desde o início dos anos 1960, data da “redescoberta” de Bakhtin por um grupo de jovens analistas literários de Moscou.

Aí está o inconveniente de se confiar muito nas traduções. Na ocasião em que eu desenvolvía a tese de que a noção de discurso não existia na Rússia em geral e em Bakhtin em particular, um colega francês objetou-me que minha tese não se sustentava e que bastaria que eu lesse a lista dos títulos das obras bakhtinianas para persuadir-me disto. Bakhtin, dizia ele, não falou muitas vezes em “gêneros do discurso”? Quando eu o fiz observar que Bakhtin não escrevia em francês, mas em russo, que não havia, então, falado de “gêneros do discurso”, mas de “*rechevye zhanry*”, e que nada nos garantiria que o primeiro seria a tradução adequada do segundo, o colega respondeu-me que ele jamais havia pensado nisto...

A palavra russa *diskurs* encontra-se na internet russa, mas é sempre uma tradução do francês ou do inglês. Sua utilização autóctone é mais estranha. Assim, podemos encontrar o sintagma “*russkij diskurs*” (o “discurso russo”) no sentido de uma “mentalidade russa” ou de um “caráter nacional russo”, terminologia que denota uma visão unanimista de uma massa falante homogênea, a qual me parece perfeitamente incompatível com a problemática discursiva da escola de Pêcheux.

O mesmo ocorreu com uma estagiária ucraniana que passou um ano

travail à Lausanne me demanda à la fin de son séjour : «si je peux résumer ce que j'ai appris cette année, le *discours*, ça veut dire le *style* ?».

Une mise au point guidée par des comparaisons entre ces «mondes intellectuels» me semble utile et salutaire.

Passons rapidement sur le fait que les traductions des textes de Bakhtine, Voloshinov et Medvedev utilisent le mot *discours* pour rendre des termes du texte original fort divers. On peut mettre à part des erreurs anecdotiques comme la traduction française de 1977 qui, pour «problema vyskazyvaniya i dialoga» dans *Marxisme et philosophie du langage* de Voloshinov (p. 24 de l'original de 1930, que je propose de traduire par «problème de l'énoncé et du dialogue») donne «le problème de l'énonciation et du discours», corrigé à moitié dans la version portugaise, elle-même traduite du français en «o problema da enunciação e do diálogo», alors que la version espagnole donne «el problema del enunciado y del dialogo». Plus ennuyeux est le fait que le mot *discours* peut renvoyer à différents termes de l'original: *rech'*, *slovo*, *vyskazyvanie*. G. Philippenko traduit : «Le discours dans la vie...» pour *Slovo v zhizni* (VOLOSHINOV, 1926) et Ts. Todorov (1981, p. 289) traduit «la tactique discursive» pour «*rechevaja taktichnost'*» dans *La méthode formelle* de Medvedev, expression que B. Vauthier rend par «le sens des convenances» (MEDVEDEV, 2008, p. 224). Je propose «le fait d'utiliser la parole avec tact».

em nossa equipe de trabalho em Lausanne, a qual me perguntou no final de sua estância: “se eu puder resumir o que aprendi este ano, poderia afirmar que o *discurso* quer dizer o *estilo*?”

Um esclarecimento baseado em comparações entre estes “mundos intelectuais” parece-me útil e salutar.

Passemos rapidamente sobre o fato de que as traduções dos textos de Bakhtin, Voloshinov e Medvedev utilizam a palavra *discurso* para referirem-se a termos muito diversos do texto original. Podemos destacar erros anedóticos, como a tradução francesa de 1977, que, para “problema vyskazyvaniya i dialoga”, do *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Voloshinov (p. 24 do original de 1930, o qual propus traduzir por “problème de l'énoncé et du dialogue” [“problema do enunciado e do diálogo”]), propôs “le problème de l'énoncé et du discours” [“o problema do enunciado e do discurso”], erro este corrigido pela metade na versão portuguesa, traduzida do francês, por “o problema da enunciação e do diálogo”, enquanto que a versão espanhola propõe “el problema del enunciado e del diálogo” [“o problema do enunciado e do diálogo”]. Mais preocupante ainda é o fato de que a palavra *discours* pode remeter a diferentes termos do original: *rech'*, *slovo*, *vyskazyvanie*. G. Philippenko traduziu *Slovo v zhizni* (VOLOSHINOV, 1926) por “Le discours dans la vie...” [“O discurso na vida...”] e Ts. Todorov (1981, p. 289), em *O método formal*, de Medvedev, traduziu por “la tactique discursive” [“a tática discursiva”] a expressão “*rechevaja taktichnost'*”, a qual B. Vauthier propôs traduzi-la por “o sentido das conveniências” (MEDVEDEV, 2008, p. 224). Proponho “le fait d'utiliser la parole avec tact” [“o fato de utilizar a fala com tato”].

Chez Bakhtine et Voloshinov, l'objet qui est mis en avant avec insistance n'est pas le *discours* au sens de Pêcheux, défini en général comme un ensemble d'énoncés qui «circulent» sans que leur source puisse en être établie ou assignée, qui peuvent appartenir à des champs différents, mais qui obéissent malgré tout à des règles de fonctionnement communes. Ces règles ne sont pas seulement linguistiques ou formelles, mais reproduisent des configurations historiquement déterminées : l'«ordre du discours» propre à une période particulière, à une «formation discursive» particulière, possède donc une fonction normative et réglée, qui détermine

ce qui peut et doit être dit (articulé sous la forme d'une harangue, d'un sermon, d'un pamphlet, d'un exposé, d'un programme, etc.) à partir d'une position donnée dans une conjoncture donnée: le point essentiel ici est *qu'il ne s'agit pas seulement de la nature des mots employés, mais aussi (et surtout) des constructions dans lesquelles ces mots se combinent*, dans la mesure où elles déterminent la signification que prennent ces mots [...], les mots changent de sens selon les positions tenues par ceux qui les emploient; [...] les mots 'changent de sens' en passant d'une *formation discursive* à une autre. (PÊCHEUX, 1990, p. 148)

Le discours se constitue ainsi à partir d'un déjà-là, parce que «ça parle» toujours «avant, ailleurs et indépendamment». C'est ici qu'apparaît la différence entre le préconstruit et la présupposition (Ducrot) d'un côté, la «parole d'autrui» (Bakhtine) de l'autre. Pour Bakhtine, l'idée du «ça» dans «ça parle» est purement inconcevable : la parole d'autrui est toujours référentielle à un *autrui*, une autre *personne*. C'est une parole pleine, «responsable» «socialisée» en ce qu'elle «répond toujours» à d'autres

Em Bakhtin e Voloshinov, o objeto que é colocado em primeiro plano com insistência não é o *discurso*, no sentido de Pêcheux, definido geralmente como um conjunto de enunciados que “circulam”, sem que sua fonte possa ser estabelecida ou assinalada, que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem configurações historicamente determinadas: a “ordem do discurso” própria a um período particular, a uma “formação discursiva” particular, possui uma função normativa e regrada, que determina

o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que *não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) das construções nas quais essas palavras combinam-se*, na medida em que elas determinam a significação que tomam essas palavras [...], as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam; [...] as palavras “mudam de sentido” ao passarem de um *formação discursiva* a uma outra. (PÊCHEUX, 1990, p. 148)

O discurso constitui-se, assim, a partir de um já-lá, pois “isso fala” sempre “antes, em outro lugar, independentemente”. É aqui que aparece a diferença entre o pré-construído e a pressuposição (Ducrot), de um lado, e a “fala de outrem” (Bakhtin), de outro. Para Bakhtin, a ideia do “isso” em “isso fala” é simplesmente inconcebível: a fala de outrem é sempre referenciável a um *outro*, uma outra *pessoa*. É uma fala plena, “responsável”, “socializada”, em que ela “responde sempre” a outras falas

paroles proférées par d'autres, dans des situations toujours nouvelles, toujours uniques (voir plus loin la question du sujet). L'idée du «ça» est renvoyée chez Bakhtine dans l'enfer du «monologique».

On trouvera dans la préface à la nouvelle traduction française de *Marxisme et philosophie du langage* (2010) nombre de considérations sur la nécessité de ne pas utiliser le mot *discours* pour traduire *rech'* et *slovo*. Disons simplement que le mot français *discours* ou portugais *discurso* a une longue histoire. Mais c'est son utilisation dans le syntagme «analyse du discours» qui en rend l'utilisation impossible à propos des textes communément (mais bien à tort) rassemblés sous le nom collectif de «cercle de Bakhtine», lequel n'a jamais existé du temps de Bakhtine lui-même. Disons surtout que ce qui est largement, massivement connu en France et au Brésil comme la discipline universitaire de l'analyse de discours est *totallement inconnu* en Russie. Ce qui pourrait vaguement lui correspondre est la *grammaire de texte* d'origine allemande. Mais, et c'est là pour moi le fond du problème, un abîme sépare l'analyse du discours de la grammaire de texte, c'est la question fondamentale du statut du *sujet*.

AU SUJET DU SUJET

Là encore, tout en étant d'accord avec la position de F. Indursky (2000), pour qui c'est la conception du sujet qui fait la différence entre l'univers intellectuel de Bakhtine et celui de Pêcheux, je pense que tout «rapprochement» entre les deux doit être soigneusement balisé de gardes-fous, sans lesquels les risques de glissement et de dérapages sont trop importants.

L'analyse de discours en France et au Brésil a ceci de particulier de s'inscrire dans le grand mouvement de la mort du

proferidas por outros, em situações sempre novas, sempre únicas (ver mais adiante a questão do sujeito). A ideia do “isso” é remetida, em Bakhtin, ao inferno do “monológico”.

Encontraremos no prefácio à nova tradução francesa de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2010) numerosas considerações sobre a necessidade de não utilizar a palavra *discurso* para traduzir *rech'* e *slovo*. Diremos simplesmente que a palavra francesa *discours*, ou a portuguesa *discurso*, tem uma longa história. Contudo, é sua utilização no sintagma “análise do discurso” que torna a utilização desta palavra impossível nos textos comumente (em geral de modo equivocado) reunidos sob o nome coletivo de “círculo de Bakhtin”, o qual jamais existiu nos tempos de Bakhtin. Diremos sobretudo que, o que é amplo e massivamente conhecido na França e no Brasil como a disciplina universitária da Análise de Discurso é *totalmente desconhecida* na Rússia. O que poderia vagamente corresponder-lhe seria a *gramática de texto*, de origem alemã. É aí, pois, que reside o problema para mim: a questão fundamental do estatuto do *sujeito* é um abismo que separa a Análise de Discurso da Gramática de Texto.

A QUESTÃO DO SUJEITO

Estando de acordo com a posição de F. Indursky (2000), para quem é a concepção do sujeito que faz a diferença entre o universo intelectual de Bakhtin e o de Pêcheux, penso que toda “aproximação” entre os dois deve ser cuidadosamente balizada por cercas de proteção, sem as quais os riscos de deslizamentos e escorregões aumentam significativamente.

A Análise de Discurso na França e no Brasil tem isto de particular: o de inscrever-se no grande movimento da

sujet, ou plus précisément de la remise en cause du sujet-maître de ses paroles, sujet cartésien considéré hors de tout ancrage historique, sujet plein, individuel. Pour tous les représentants de l'analyse de discours, les références sont, sans le moindre doute, à part Pêcheux, les grands noms des années 1970 : Lacan, Althusser, Foucault, en plus du grand trio Marx-Saussure-Freud, cf. la 4^e de couverture du livre de M. Pêcheux et F. Gadet *La langue introuvable*, 1981.

On peut toujours rêver, réécrire l'histoire, imaginer un autre commencement à ce siècle. Dans la fièvre des années vingt, la politique (Octobre 17), la littérature (le surréalisme, le formalisme, le futurisme), la psychanalyse (Freud et sa descendance) et la linguistique (qui s'inaugure scientifiquement avec Saussure) se seraient donné rendez-vous à Moscou, à Vienne ou à Genève... Il n'est plus temps de rever : cette Internationale-là (Lénine discutant avec Freud du concept saussurien de valeur, dans un wagon de l'Orient-Express décoré par les futuristes !) n'aura jamais eu lieu.

Là encore, la simple énumération de ces six noms ferait dresser les cheveux sur la tête des spécialistes russes de Bakhtine. Aucun d'eux n'est en grâce parmi les bakhtiniens de Russie. Et surtout pas Marx, encore moins Lénine ! L'anti-marxisme des bakhtiniens russes (même à l'époque soviétique) est un thème mal connu en France et au Brésil, et mériterait une attention particulière.

L'analyse de discours n'a de sens que de la reconnaissance que le sujet est divisé, qu'il est ne maîtrise pas la totalité de ses dires, tout en vivant dans l'illusion qu'il en est l'unique auteur. Qu'en est-il du sujet chez Bakhtine et Voloshinov ?

morte do sujeito ou, mais precisamente, o de pôr em causa o sujeito-mestre de suas palavras, sujeito cartesiano considerado fora de toda ancoragem histórica, sujeito pleno, individual. Para todos os representantes da Análise de Discurso, as referências são, sem lugar a dúvidas, além de Pêcheux, grandes nomes dos anos 1970: Lacan, Althusser, Foucault, sem contar o grande trio Marx-Saussure-Freud, conforme a quarta capa do livro de M. Pêcheux e F. Gadet *La langue introuvable [A língua inatingível]*, 1981.

Podemos sempre sonhar, reescrever a história, imaginar um outro começo para este século. Na febre dos anos vinte, a política (Outubro de 17), a literatura (o Surrealismo, o Formalismo, o Futurismo), a Psicanálise (Freud e sua descendência) e a Linguística (que é inaugurada cientificamente por Saussure) tiveram encontro marcado em Moscou, em Viena ou em Genebra... não é mais tempo de sonhar: aquela Internacional (Lênin discutindo com Freud o conceito saussuriano de valor, em um vagão do Oriente-Expresso decorado pelos futuristas!) jamais terá ocorrido.

A simples enumeração destes seis nomes faria arrepiar os cabelos dos especialistas russos em Bakhtin. Nenhum deles surpreende os bakhtinianos da Rússia (sobretudo Marx, menos ainda Lénin!). O anti-marxismo dos bakhtinianos russos (mesmo na época soviética) é um tema mal conhecido na França e no Brasil que mereceria uma atenção particular.

A Análise de Discurso só faz sentido pelo reconhecimento de que o sujeito é dividido, que não é o mestre da totalidade de seus dizeres, embora viva a ilusão de que é seu único autor. E o sujeito para Bakhtin e Voloshinov?

Rappelons un point, à mes yeux fondamental : le *fondement éthique* de la pensée de Bakhtine dans les années vingt. Comme chez tous les représentants du courant personaliste de l'entre-deux-guerre, qu'il soient juifs ou chrétiens⁵, le postulat de base de Bakhtine est que l'*autre* est un *autre sujet*, non susceptible d'une connaissance objectale. Cette différence radicale entre deux modes de connaissance a deux sources. D'une part Wilhelm Dilthey (1833-1911), qui oppose *expliquer* (dans les sciences de la nature) et *comprendre* (dans les sciences de l'homme). L'explication réfère un phénomène à ce qui, de proche en proche, *mécaniquement*, le provoque, alors que la compréhension s'obtient par la mise en relation du phénomène avec ce qui lui donne un *sens*. Une action, un discours, une oeuvre ne pourraient donc pas être traités comme des *choses*. De l'autre Martin Buber (1868-1965), qui, dans son célèbre ouvrage de 1923 *Ich und Du* oppose le «Je» par rapport à un «Toi» et le «Je» par rapport à un «Ça», ou un «Il»⁶. Dans les deux cas c'est le débat sur la question du positivisme qui est jeu, ou «querelle des méthodes», débat qui faisait rage au début du XXe siècle en Russie, en Allemagne et en Italie : les sciences humaines sont-elles passibles du même mode de connaissance que les sciences de la nature ?, et qui opposait ceux qui, comme Dilthey, pensaient qu'il y avait irréductibilité entre les deux types de sciences et ceux qui, à la suite des positivistes, pensaient qu'il ne saurait y avoir plusieurs régimes de vérité.

Je considère que la problématique personaliste est *l'exact inverse* de celle,

Recordemos um ponto a meu ver fundamental: o *fundamento ético* do pensamento de Bakhtin nos anos vinte. Como em todos os representantes da corrente personalista do entre guerras, sejam eles judeus ou cristãos⁵, o postulado de base de Bakhtin é que o *outro* é um *outro sujeito*, não suscetível de um conhecimento objetal. Esta diferença radical entre os dois modos de conhecimento tem duas fontes. De um lado, Wilhelm Dilthey (1833-1911), que opõe *explicar* (nas ciências da natureza) e *compreender* (nas ciências do homem). A explicação refere-se a um fenômeno que, pouco a pouco, *mecanicamente*, provoca, enquanto que a compreensão obtém-se pela relação do fenômeno com aquilo que lhe dá um *sentido*. Uma ação, um discurso, uma obra não poderiam, então, ser tratadas como *coisas*. De outro, Martin Buber (1868-1965), que, em sua célebre obra de 1923 *Ich und Du* opõe o “Eu” relativamente a um “Tu” e o “Eu” relativamente a um “Isso” ou um “Ele”. Nestes dois casos, é o debate sobre a questão do positivismo que está em jogo, ou a “querela dos métodos”, debate quente no início do século XX na Rússia, na Alemanha e na Itália: as ciências humanas estão sujeitas ao mesmo modo de conhecimento que as ciências da natureza? E a oposição entre aqueles que, como Dilthey, pensavam não haver irreductibilidade entre os dois tipos de ciências e aqueles que, na toada dos positivistas, pensavam que não haveria muitos regimes de verdade.

Considero que a problemática personalista é *o exato inverso* do anti-subjetivismo de Pêcheux. Bakhtin e

⁵ N'oublions pas que Bakhtine fut arrêté le 24 décembre 1928 pour son appartenance à un groupe de réflexion religieux, em aucun cas pour une quelconque activité politique, qui lui était totalement étrangère (cf. SÉRIOT, 2010, p. 31-33).

⁵ Não podemos esquecer-nos de que Bakhtin foi preso em 24 de dezembro de 1928 por pertencer a um grupo de reflexão religiosa e, de modo algum, por qualquer atividade política, que lhe era totalmente estranha.

⁶ Bakhtine connaissait et admirait M. Buber. A ce sujet, cf. Friedman, 2005.

⁶ Bakhtin conhecia e admirava M. Buber. Sobre isto, conferir Friedman, 2005.

anti-subjectiviste, de Pêcheux. Bakhtine et Voloshinov convoquent dans leurs écrits des *locuteurs* (individus parlants) et non des *énonciateurs* constitués comme sujets par le processus de l'énonciation⁷. Voloshinov ne construit pas une théorie du sujet. En effet, il se donne pour but immédiat d'étudier un type d'« échange social » parmi d'autres: le type littéraire. À ce type il en oppose d'autres, qui sont ainsi sur le même plan:

- 1) l'échange sur les lieux de production (à l'usine et à la fabrique, au kolkhoze, etc.);
- 2) l'échange administratif (dans les institutions, les organisations sociales, etc.);
- 3) l'échange dans la vie de tous les jours (rencontres et conversations dans la rue, à la cantine, chez soi, etc.); et enfin l'échange idéologique au sens propre de ce terme : de propagande, scolaire, scientifique, philosophique, dans toutes leurs variantes.

(VOLOSHINOV, 2010, p. 253)

Si chez Bakhtine il n'y a que des locuteurs et non des énonciateurs, c'est aussi la raison pour laquelle il n'y a que des énoncés, et non une énonciation, qui admettrait un sujet clivé. Le sujet chez Bakhtine est un individu concret, réel, unique, ancré dans une situation, qui a ceci de particulier d'être en « dialogue » permanente avec la parole des autres individus, c'est-à-dire de répondre à l'autre et d'anticiper sa réaction.

IDÉOLOGIE OU CONTENU DES IDÉES ?

Les termes à l'apparence familière sont redoutables : des mots comme

Voloshinov convoca em seus escritos os *locutores* (indivíduos falantes) e não os *enunciadores* constituídos em sujeitos pelo processo da enunciação. Voloshinov não construiu uma teoria do sujeito. Com efeito, ele se dá por objetivo imediato estudar um tipo, entre outros, de “intercâmbio social”: o tipo literário. A este tipo ele opõe outros, que estão sobre o mesmo plano:

- 1) o intercâmbio nos lugares de produção (na usina e na fábrica, no kolkhoz etc.);
- 2) o intercâmbio administrativo (nas instituições, nas organizações sociais etc.);
- 3) o intercâmbio na vida cotidiana (encontros e conversações na rua, na cantina, em casa etc.); e, enfim, o intercâmbio ideológico, no sentido próprio do termo: de propaganda, escolar, científica, filosófica, em todas as suas variantes. (VOLOSHINOV, 2010, p. 253)

Se em Bakhtin só há locutores e não enunciadores, esta é a razão pela qual só há enunciados, e não uma enunciação, a qual admitiria um sujeito clivado. O sujeito em Bakhtin é um indivíduo concreto, real, único, ancorado em uma situação, que tem de particular o fato de estar em “diálogo” permanente com a fala de outros indivíduos, isto é, de responder ao outro e de antecipar sua reação.

IDEOLOGIA OU CONTEÚDO DAS IDEIAS?

Os termos, aparentemente familiares, provocam espantos: palavras

⁷ Il est impossible de trouver chez Bakhtine ou Vološinov l'idée, fondamentale pour Benveniste, que «C'est dans et par le langage que l'homme se constitue comme sujet » (BENVENISTE, 1966, p. 259). À la différence du locuteur, le sujet de l'énonciation ne préexiste pas à l'acte qu'est l'énonciation.

⁷ É impossível encontrar em Bakhtin ou Voloshinov a ideia, fundamental para Benveniste, de que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1966, p. 259). À diferença do locutor, o sujeito da enunciação não preexiste ao ato da enunciação.

«marxisme», «milieu», «groupe social» ou surtout «idéologie» n'ont pas un sens «en soi», mais dépendent étroitement du contexte particulier où ils sont employés. Il ne faut pas réagir à ces mots comme à un «signal», comme dirait Voloshinov lui-même, mais en étudier minutieusement le contexte de production.

Curieusement, en France comme au Brésil, bien peu de chercheurs se sont demandé si le mot «idéologie» chez Bakhtine, Voloshinov et Medvedev, pouvait avoir le même sens que celui si courant de «conscience fausse» qu'il a dans nos pays depuis l'interprétation de L. Althusser relisant le livre de K. Marx *L'idéologie allemande* de 1846. L'idéologie, dans ce sens, ne peut se soutenir que de l'existence d'un *inconscient*: l'individu agit, pense ou parle en fonction de ce qu'il croit lui appartenir en propre, «venir de lui», alors qu'en réalité il ne fait que se conformer aux normes et aux discours qui lui sont imposés par une configuration socio-économique dont il fait partie, sans pouvoir s'en détacher. Une des finalités de l'analyse de discours est précisément de critiquer, de dénoncer «l'idéologie» (dominante), pour en démonter les présupposés aliénants.

On ne trouvera nulle idée d'aliénation chez Bakhtine, Voloshinov et Medvedev, tout au contraire, il faut pour eux être *conforme* à son «groupe social», lequel n'a rien à voir avec une position dans une conjoncture socio-historique, mais se définit du fait que «les gens» se comprennent, parce qu'ils ont un *vécu* en commun. *L'idéologie*, chez Voloshinov, par exemple, est l'ensemble des produits culturels, dont la Science fait partie, ce sont toutes les *idées* que «les gens» ont dans la tête, ensemble toujours manifeste et transparent dans la conscience, puisque pour *lui*

como “marxismo”, “meio”, “grupo social” ou sobretudo “ideologia” não possuem um sentido “em si”, mas dependem estreitamente do contexto particular em que são empregados. Não se pode tomar estas palavras como se fossem um “sinal”, tal como diria Voloshinov, mas é preciso estudá-las minuciosamente no contexto de produção.

Curiosamente, tanto na França quanto no Brasil, poucos pesquisadores perguntaram-se se a palavra “ideologia” em Bakhtin, Voloshinov e Medvedev poderia ter o mesmo sentido que aquele de “falsa consciência”, tão corrente em nossos países desde a interpretação de L. Althusser, quando de sua releitura do livro de K. Marx, *A ideologia alemã* (1846). A ideologia, neste sentido, apenas poderia sustentar-se com a existência de um *inconsciente*: o indivíduo age, pensa ou fala em função disso que ele crê pertencer-lhe por direito, “vir dele mesmo”, enquanto que, na realidade, ele não faz mais que se conformar às normas e aos discursos que lhe são impostos por uma configuração socioeconômica da qual ele faz parte, sem poder dela livrar-se. Uma das finalidades da Análise de Discurso é precisamente criticar, denunciar “a ideologia” (dominante), para desmontar seus pressupostos alienantes.

Encontraremos em Bakhtin, Voloshinov e Medvedev uma ideia nula de alienação. Muito pelo contrário, é preciso, para eles, estar *conforme* o seu “grupo social”, o que não tem nada a ver com uma posição em uma conjuntura sócio-histórica, mas que se define pelo fato de que, se “as pessoas” se compreendem mutuamente, é porque possuem um *vivido* em comum. A *ideologia*, em Voloshinov, por exemplo, é o conjunto dos produtos culturais, do qual faz parte a ciência. São todas as *ideias* que “as pessoas” têm na cabeça; um conjunto sempre manifesto e

l'inconscient n'existe pas (cf. VOLOSHINOV, 1927).

Ces produits idéologiques constitués [la morale sociale, la science, l'art, la religion] gardent toujours le lien organique le plus vivant avec l'idéologie du quotidien, ils se nourrissent de ses sucs, car en dehors d'elle ils sont morts, comme sont mortes, par exemple, une oeuvre littéraire achevée ou une idée cognitive en dehors de leur perception évaluative vivante. (VOLOSHINOV, 2010, p. 311)

Voloshinov refuse toute idée de fausse conscience, ou de «consentement» à la manière de Gramsci, parce qu'il y voit un dualisme, irrecevable pour son principe moniste : il n'envisage pas qu'il puisse y avoir adhésion aux valeurs des dominants de la part des dominés.

En URSS, c'est encore une autre interprétation du mot *ideologija* qui s'est mise en place dans les années vingt et trente. La très grande difficulté de trouver un langage commun avec des collègues soviétiques, cinquante ans plus tard, vient du fait que l'usage de l'expression « idéologie marxiste-léniniste », bien sûr, ne pouvait s'entendre qu'au sens de « système maximale explicitement d'idées, de thèses, de positions ». Il ne venait à l'idée de personne, en URSS, dans les années soixante-dix, que l'idéologie puisse avoir le moindre rapport avec un inconscient.

Mais le système stalinien ne s'est pas installé du jour au lendemain. Les années vingt sont en URSS un moment d'hésitation, de recherches multiples et multiformes. « Idéologie » pouvait avoir un sens beaucoup plus large. Vološinov n'a donné qu'en une seule occasion une définition de ce qu'il entendait par «idéologie » :

transparente na consciência, já que para ele *o inconsciente não existe* (cf. VOLOSHINOV, 1927).

Os produtos ideológicos constituídos (a moral social, a ciência, a arte, a religião) guardam sempre o laço orgânico mais vivo com a ideologia do cotidiano; eles nutrem-se de sua essência, pois fora dela eles estão mortos, como estão mortas, por exemplo, uma obra literária acabada ou uma ideia cognitiva forma de sua percepção avaliativa viva. (VOLOSHINOV, 2010, p. 311)

Voloshinov refuta toda ideia de falsa consciência, ou de “consentimento” à maneira de Gramsci, porque ele vê aí um dualismo inaceitável, dado seu princípio monista: ele não considera que possa haver aí adesão aos valores da classe dominante por parte dos dominados.

Na URSS, foi ainda uma outra interpretação da palavra *ideologija* que se colocou em cena nos anos vinte e trinta. A maior dificuldade de encontrar uma linguagem comum com os colegas soviéticos, cinquenta anos mais tarde, vem do fato de que o uso da expressão “ideologia marxista-leninista” logicamente não podia ser ouvida senão no sentido de “sistema maximamente explícito de ideias, teses, posições”. Não passava pela cabeça de ninguém, na URSS dos anos setenta, que a ideologia pudesse ter a menor relação com um inconsciente.

Contudo, o sistema stalinista não se instalou de um dia para o outro. Os anos vinte na URSS foram um momento de hesitação, de pesquisas múltiplas e multiformes. “Ideologia” podia ter um sentido bem mais amplo. Voloshinov fornece, em uma única ocasião, uma definição do que ele entendia por “ideologia”:

par idéologie, nous comprenons tout l'ensemble de reflets et de réfractions dans le cerveau humain de la réalité sociale et naturelle, exprimé et fixé par lui sous forme verbale, de dessin, croquis ou sous une autre forme sémiotique. (VOLOSHINOV, 1930a, p. 53, trad. fr. p. 533)

On voit que l'idéologie pour Vološinov n'a rien à voir avec l'idée d'assujettissement d'Althusser ou de Gramsci ; elle n'est ni une conscience fausse ni même un système d'idées. C'est à la fois toute signification, tout contenu de pensée en tant qu'ils sont collectifs, ensemble non d'idées mais de signes qui forment le contenu de la conscience. Mais il ressort d'autres passages que l'idéologie est la même chose que la superstructure : les arts, le droit, la science, la philosophie, et, finalement, la langue elle-même.

CONCLUSION

De manière la plus paradoxale qui soit, ce qui fait défaut dans la réception de Bakhtine en «Occident», c'est bien précisément l'historicité dont parle Eni Orlandi : la méconnaissance de l'historicité des concepts, du contexte historique intellectuel, politique et idéologique soviétique contemporain de Bakhtine ne peut être qu'un obstacle à une compréhension active de son oeuvre, et produit des effets dommageables de confusion dans la pratique même de l'analyse de discours. On ne peut faire de Bakhtine et de ses collègues des précurseurs-inventeurs absolus de l'analyse de discours, des frères en esprit de M. Pêcheux qu'à condition d'ignorer radicalement le monde intellectuel dans lequel ils vivaient, et la dispute autour du positivisme dans l'entre-deux-guerres.

Voilà bien ici ce qui pourrait devenir l'ébauche d'un programme de comparaison entre l'histoire intellectuelle

por ideologia, compreendemos todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da realidade social e natural, expresso e fixado por ele sob forma verbal, desenho, esboço ou sob uma outra forma semiótica. (VOLOSHINOV, 1930a, p. 53; trad. fr. p. 533)

Vemos que a ideologia para Vološinov não tem nada que ver com a ideia de assujeitamento de Althusser ou de Gramsci; ela não é nem uma falsa consciência, nem mesmo um sistema de ideias. É, por sua vez, toda significação, todo conteúdo de pensamento enquanto algo coletivo; conjunto não de ideias, mas de signos que formam o conteúdo da consciência. Aparece em outras passagens, entretanto, que a ideologia é a mesma coisa que a superestrutura: as artes, o direito, a ciência, a filosofia e, finalmente, a língua.

CONCLUSÃO

Da maneira mais paradoxal possível, o que faz falta na recepção de Bakhtin no "Ocidente" é precisamente a historicidade de que fala Eni Orlandi: o desconhecimento da historicidade dos conceitos, do contexto histórico, intelectual, político e ideológico soviético contemporâneo de Bakhtin pode ser um obstáculo a uma compreensão ativa de sua obra e um produto dos efeitos negativos da confusão na própria prática da Análise de Discurso. Não podemos fazer de Bakhtin e de seus colegas os precursores-inventores absolutos da Análise de Discurso, os irmãos espirituais de M. Pêcheux, a ponto de ignorar radicalmente o mundo intelectual em que viviam e a disputa em torno do positivismo no entre guerras.

Eis aí o que poderia ser um esboço de um programa de comparação entre a história intelectual do Brasil e da Rússia

au Brésil et en Russie, autour de la question du positivisme en sciences humaines. Pour cela, un travail commun de plusieurs équipes est nécessaire.

Quant à l'analyse de discours telle que M. Pêcheux nous l'a léguée, elle est une pratique de lecture trop importante et créatrice pour être confondue avec une théorie personnaliste, ou plutôt un ensemble d'affirmations non étayées par des preuves tangibles, qui lui est en tous point *opposée*.

em torno da questão do positivismo nas ciências humanas. Para isto, um trabalho comum de várias equipes seria necessário.

Quando à Análise de Discurso tal como M. Pêcheux nos legou, esta é uma prática de leitura muito importante e criativa para ser confundida com uma teoria personalista, ou melhor, um conjunto de afirmações não respaldadas por provas tangíveis, o que é exatamente o seu *oposto*.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOSHINOV V. N.). **Le marxisme et la philosophie du langage**. Trad. par Marina Yaguello. Paris: Minuit, 1977.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 9ª. ed. Trad. por Michel Lahd e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik, Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Editora Hucitec, 2002. (Traduzido da versão francesa, com consulta à versão inglesa, bem como ao original russo por Lucy Seki, com prefácio de Marina Yaguello e de Roman Jakobson na versão francesa).
- BARROS, Diana Luz Pessoa. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. Em: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. pp. 25-36.
- BUBER, Martin. **Ich und Du [Eu e Tu]**. Trad. fr. *Je et Tu*. Paris: Aubier-Montaigne, 1992.
- DILTHEY, Wilhelm. **Einleitung in die Geisteswissenschaft [Introdução às ciências do espírito]**. Trad. fr. por L. Sauzin. Paris: P.U.F., 1942.
- FRIEDMAN, Maurice. Martin Buber and Mihail Bakhtin. The dialogue of voices and the word that is spoken. In: BANATHY; JENLINK (Eds.). **Dialogue as a Means of Collective Communication**. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2005. pp. 29-39.
- GADET, F.; PÊCHUEX, M. **La langue introuvable**. Paris: Maspero, 1981.
- INDURSKY, Freda. Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à Análise do Discurso. **Língua e instrumentos linguísticos**, nº 4-5, Campinas, dez-1999/jul. 2000.
- MEDVEDEV, Pavel. **La méthode formelle en littérature [O método formal nos estudos literários]**. Trad. par Bénédicte Vauthier. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2008.
- ORLANDI, Eni. M. Bakhtin e M. Pêcheux: no risco do conteudismo. Em: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. pp. 37-46.
- PÊCHEUX, Michel. **L'inquiétude du discours: textes choisis et présentés par D. Maldidier**. Paris: Editions des Cendres, 1990.
- SÉRIOT, Patrick. Voloshinov, la philosophie de l'enthymème et la double nature du signe [Voloshinov, a filosofia do entimema e a dupla natureza do signo], préface à Voloshinov, 2010, p. 13-109.
- SILVA, Taís [da Silva] Martins. A configuração de um campo disciplinar: relações de aproximação e diferenças. **Hipersaberes**, Santa Maria, v. 2, 205-2019, dez. 2009.
- TODOROV, Tsvetan. Mikhail Bakhtine et la théorie de l'énoncé. In: GECKELER, H. *et al.* (Orgs.). **Logos semantikos (Studia lingüística in honorem Eugenio Coseriu, 1921-1981)**. Berlin; Nova Iorque: De Gruyter; Madri: Gredos, 1981. pp. 289-302.
- VOLOSHINOV, Valentin. Slovo v žizni i slovo i poëzii: k voprosam sociologičeskoj poëtiki. **Zvezda**, n. 6, pp. 244-267, 1926. [A palavra na vida e a palavra na poesia: questões de poética sociológica. Trad. fr. por Georges Philippenko, com a colaboração de Monique Canto sob o título

“Le discours dans la vie et le discours dans la poésie” (“O discurso na vida e o discurso na poesia”), em TODOROV, Tsvetan. **Mikhaïl Bakhtine. Le principe dialogique [Mikhaïl Bakhtin. O princípio dialógico]**. Paris: Seuil, 1981. pp. 181-216.

_____. **Frejdzizm: kritičeskij očerk [O freudismo: ensaio crítico]**. Moscou-Leningrado: Gosizdat, 1927. Trad. fr. par Guy Verret: *M. Bakhtine: Ecrits sur le freudisme [M. Bakhtin: Escritos sobre o freudismo]*, Lausanne: L'Âge d'Homme, 1980.

_____. **Marksizm i filosofija jazyka. 2^e. ed.** Leningrado: Priboj, 1930.

_____. Chto takoe jazyk? [O que é a língua e a linguagem]. **Literaturnaja učeba**, n. 2, pp. 48-66, 1930a. Trad. fr. em Voloshinov, 2010, pp. 519-566 (ed. bilingue).

_____. **Marxisme et philosophie du langage [Marxismo e filosofia da linguagem]**. Trad. par P. Sériot et I. Tylkowski. Préface de P. Sériot, édition bilingue, Limoges: Lambert-Lucas, 2010. ZANDWAIS, A. O papel das leituras engajadas em Marxismo e filosofia da linguagem. **Conexão Letras**, Porto Alegre, n. 4, pp. 1-8, 2009.

Artigo recebido em: maio de 2018.

Aprovado e revisado em: setembro de 2018.

Publicado em: dezembro de 2018.

Para citar este texto:

SEROT, Patrick. Pourquoi Bakhtine n'est pas Pêcheux: un grand malentendu sur l'analyse de discours. Trad. de Gabriel Leopoldino dos Santos [Por que Bakhtin não é Pêcheux: um grande mal-entendido sobre a Análise de Discurso; texto em versão bilingue]. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, *on-line*, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 17, p. 31-46, jul. - dez. 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol17pagina31a46>